

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE JUÍZES

O livro de Juízes faz parte de uma história que começa em Deuteronômio com a visão de uma comunidade pactual unificada e obediente ao Deus que libertou seu povo da escravidão e da opressão. Na medida em que essa história se desdobra, Israel é bem-sucedido na tentativa de derrotar seus inimigos e de se assentar na terra prometida. Mas o desafio real de ocupar a terra permaneceu mesmo quando Josué saiu de cena. Juízes retoma a história nesse ponto. O livro conta como a comunidade pactual se desintegrou moral e socialmente quando passou a assimilar a cultura e as crenças cananeias. Deus puniu e libertou o Israel desviado, mas sua queda continuou. A necessidade de uma liderança competente e leal a Deus se tornou evidente, abrindo assim o caminho para o próximo capítulo da história, registrado nos livros de Samuel e Reis.

TEMAS E ESTRUTURA LITERÁRIA

O livro de Juízes apresenta três unidades literárias principais: um prólogo (1.1–3.6); uma seção central com vários relatos sobre juízes individuais (3.7–16.31); e um epílogo (17.1–21.25).

O prólogo contém duas subunidades paralelas e complementares. A primeira (1.1–2.5) descreve o que aconteceu após a morte de Josué (1.1; cf. Js 24.29).¹ O capítulo 1 é primariamente descritivo, refletindo em sua maior parte a perspectiva de um observador daquilo que ocorreu.² De vez em quando, o narrador apresenta uma perspectiva teológica (v. 19a,22), mas isso parece servir a propósitos retóricos, pois permite que a perspectiva do povo domine (v. 19b; veja o comentário a seguir). A descrição factual do fracasso de Israel ao não executar a comissão de Deus leva o leitor à pergunta: Por que o povo falhou?³ O relato do

incidente em Boquim (2.1-5) fornece pelo menos uma resposta parcial ao deixar claro que o fracasso de Israel não se deveu ao poder e à persistência militar dos cananeus (a impressão dada por 1.19,27,35), antes, resultara da assimilação da cultura e da idolatria cananeias. Por meio de seu mensageiro, o Senhor lembrou Israel de sua advertência segundo a qual ele não expulsaria as nações se seu povo praticasse a idolatria.

A segunda subunidade do prólogo (2.6–3.6) começa com uma retrospectiva do tempo em que Josué ainda estava vivo. Os versículos iniciais (2.6-10) reiteram Josué 24.28-31 e dão continuação à história a partir desse ponto. Se o compararmos a 1.1–2.5, esse relato é mais teológico e avaliador em sua orientação, pois reflete a perspectiva de Deus sobre aquilo que ocorreu.⁴ Continuando o tema de 2.1-5, o narrador identifica a idolatria como problema fundamental de Israel (2.11-13). Ele apresenta uma visão geral do período, que revela um padrão cíclico. Durante esse período, Israel peca, levando o Senhor a entregar o povo ao inimigo com propósitos disciplinares (v. 14-15). Quando o povo clama em sua dor (v. 18b), o Senhor providencia libertadores (“juízes”) para resgatá-lo (v. 16,18a).⁵ Esses juízes, que exerciam também funções proféticas, traziam estabilidade durante algum tempo, mas o povo insistia em seu estilo de vida (v. 17,19). A persistência de Israel no pecado levou o Senhor a anunciar que ele não expulsaria mais as nações, mas as usaria para testar a lealdade de Israel (2.20–3.4).

3.5-6 oferece um resumo do período. O versículo 5 reflete o estilo descritivo do capítulo 1 e reitera seu tema principal (Israel vivia entre os povos nativos). O versículo 6, por sua vez, apresenta o tom mais teológico e avaliador do capítulo 2, identificando o problema fundamental de Israel como sendo sua assimilação da cultura cananeia, inclusive de sua idolatria.

A sessão central do livro recorre a uma estrutura baseada na afirmação de 2.11a: *וַיַּעֲשׂוּ בְנֵי־יִשְׂרָאֵל אֶת־הָרָע בְּעֵינֵי יְהוָה*; “Então os israelitas fizeram o mal aos olhos do Senhor”. Cada subunidade dessa seção central começa com essa mesma declaração (veja 3.7; 6.1) ou com uma versão levemente alterada (*וַיַּסְפּוּ בְנֵי־יִשְׂרָאֵל לַעֲשׂוֹת רָע בְּעֵינֵי יְהוָה*), “os israelitas novamente fizeram o mal [ou “continuaram a fazer o mal”] aos olhos do Senhor”, veja 3.12; 4.1; 10.6; 13.1). Após essa declaração introdutória, cada um dos relatos descreve como o Senhor, reagindo ao

pecado de Israel, entregou o seu povo a um inimigo opressivo. Quando Israel clamou em sua angústia, apareceu um libertador. Segue então um relato sobre como o libertador resgatou Israel. Cada história possui uma conclusão formal, mas essas conclusões divergem em seu conteúdo (veja a seguir). Outras formas literárias, como um hino de celebração (capítulo 5) e relatos dos chamados juízes menores (10.1-5; 12.7-15) são integrados a essa estrutura básica. A tabela seguinte esboça a estrutura da porção central do livro:⁶

1. O relato de Otniel (3.7-11)
 - Israel fez o mal (v. 7)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (v. 8)
 - Israel clamou ao Senhor (v. 9a)
 - O Senhor providenciou um libertador (v. 9b)
 - Relato dos atos do libertador (v. 10)
 - O país teve descanso (v. 11a)
 - Resumo da morte do libertador (v. 11b)

2. O relato de Eúde (3.12-31)
 - Israel fez o mal (v. 12a)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (v. 12b-14)
 - Israel clamou ao Senhor (v. 15a)
 - O Senhor providenciou um libertador (v. 15b)
 - Relato dos atos do libertador (v. 16-29)
 - Resumo da vitória de Israel (v. 30a)
 - O país teve descanso (v. 30b)
 - Apêndice: Sangar (v. 31)

3. O relato de Débora e Baraque (4.1–5.31)
 - Israel fez o mal (4.1)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (4.2)
 - Israel clamou ao Senhor (4.3)
 - Apresentação do libertador (4.4-7)
 - Relato dos atos do libertador (4.8-22)
 - Resumo da vitória de Israel (4.23)
 - Hino de celebração (5.1-31a)
 - O país teve descanso (5.31b)

4. O relato de Gideão (6.1–10.5)
 - Israel fez o mal (6.1a)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (6.1b-6a)
 - Israel clamou ao Senhor (6.6b)
 - O Senhor confrontou seu povo com seu pecado (6.7-10)
 - Apresentação do libertador (6.11)
 - Relato dos atos do libertador (6.12–8.27)
 - Resumo da vitória de Israel (8.28a)
 - O país teve descanso (8.28b)
 - Resumo da carreira, da morte e do sepultamento do libertador (8.29-32)
 - Sequência: A história de Abimeleque (8.33–9.57)
 - Relatos de juízes menores (10.1-5)

5. O relato de Jefté (10.6–12.15)
 - Israel fez o mal (10.6)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (10.7-9)
 - Israel clamou ao Senhor (10.10)
 - O Senhor se recusou a libertar (10.11-14)
 - Israel apelou ao Senhor outra vez (10.15)
 - O Senhor cedeu (10.16)
 - Israel escolheu um libertador (10.17–11.11)
 - Relato dos atos do libertador (11.12–12.6)
 - Resumo da carreira, da morte e do sepultamento do libertador (12.7)
 - Relatos de juízes menores (12.8-15)

6. O relato de Sansão (13.1–16.31)
 - Israel fez o mal (13.1a)
 - O Senhor entregou Israel ao inimigo (13.1b)
 - Relato do nascimento do libertador (13.2-25)
 - Relato dos atos do libertador (14.1–15.19)
 - Resumo da carreira do libertador (15.20)
 - Relato da morte do libertador (16.1-30)
 - Resumo do sepultamento e da carreira do libertador (16.31)

Apesar de essas histórias ilustrarem o padrão básico encontrado no capítulo 2 (pecado-castigo-clamor doloroso-libertação), elas não apresentam uma estrutura idêntica. Ocorrem variações significativas dentro desse padrão, especialmente nas histórias de Jefté e Sansão:⁷

1. A terminologia exata empregada para descrever o castigo divino apresenta variações nas histórias: observe קָיָהּ “(O Senhor) fortaleceu”, em 3.12; נָתַן , “(o Senhor) os deu nas mãos”, em 6.1 e 13.1; e מָכַר “(o Senhor) os vendeu na mão”, em 3.8, 4.2 e 10.7. Em 3.8 e 10.7, precede uma referência à ira do Senhor (Greenspahn 1986, p. 87).

2. Diferentemente do relato de Otniel (3.9) e da história de Eúde (3.15), não existe declaração formal do Senhor de que ele providenciará um libertador nas histórias que seguem. Na história de Débora e Baraque, o narrador simplesmente introduziu Débora, que, em nome de Deus, comissionou o guerreiro Baraque para lutar contra o opressor. A história de Gideão omite uma declaração formal de que o Senhor providenciará um libertador, mas inclui um relato de comissão no qual o Senhor instruiu Gideão a libertar Israel (6.14). Não há qualquer indicação de que o Senhor ergueu Jefté ou o comissionou para a batalha, mas ele o fortaleceu para a guerra (11.29). Por fim, apesar de não haver qualquer declaração formal do Senhor elegendo Sansão, o Senhor deixou claro à sua mãe que seu filho libertaria Israel (13.5), e, mais tarde, o Senhor o fortaleceu para esse fim.

3. A introdução da história de Jefté diverge de relatos anteriores no sentido de que, inicialmente, o Senhor se recusou a responder ao clamor de Israel (Mullen 1982, p. 197-198). Apesar de o coração do Senhor se amolecer diante do clamor persistente de Israel (10.16), o texto não chega a relacionar a ascensão de Jefté a uma ação ou comissão divina.

4. Não há qualquer referência na história de Sansão ao clamor de Israel por ajuda divina. A despeito da apatia do povo (veja 15.11-12) e a falha subsequente de Sansão de cumprir seu papel, o Senhor estava determinado a libertar o povo de qualquer forma.

Há outras variações estruturais que ocorrem na seção central do livro. Nos relatos de Otniel, Eúde, Débora-Baraque e Gideão, não há nenhuma referência sumária a um líder que estaria agindo como “juiz” de Israel durante um número específico de anos. O país simplesmente tem “descanso” durante certo período (veja 3.11,30; 5.31; 8.28). Isso muda com a lista de juízes menores no capítulo 10. A partir desse ponto, ocorrem declarações sumárias para cada líder, informando-nos de que ele “julgou” Israel durante um período especificado (veja 10.2-3; 12.7, 9,11,14; 15.20; 16.31) (Mullen 1982, p. 194-195). Depois de Gideão, não há mais nenhuma referência ao país ter tido descanso. Após o relato da revolta civil introduzida por Abimeleque e perpetuada por Jefté, o narrador decide não representar a terra como vivenciando uma paz genuína. Essa mudança alarmante nos prepara para o epílogo, onde a discórdia civil passará a fazer parte do dia a dia.⁸

A parte central do livro ilustra os temas dominantes do prólogo – a propensão de Israel para o pecado, o julgamento disciplinar do Senhor e a sua disposição de libertar o povo de seus opressores. O prólogo mostra Deus lembrando seu povo que a idolatria poria em xeque a conquista da terra (2.1-5). Então, anunciou que a conquista seria suspensa até ele testar a lealdade de Israel (2.20–3.4). A seção central do livro oferece evidências específicas para a pergunta por que essa decisão foi necessária ao representar a idolatria persistente ou recorrente e uma alienação cada vez maior entre Deus e seu povo.

As histórias esclarecem também o modelo do prólogo oração simples – resposta divina, mostrando que Deus não pode ser manipulado como algum amuleto e que, muitas vezes, ele opera fugindo às normas esperadas. Na história de Gideão, ele confronta seu povo com seus pecados antes de comissionar um libertador; na história de Jefté, ele se cansa de intervir, mesmo quando o povo persiste em clamar para ele e aparentemente se arrepende de sua idolatria. Mas, na história de Sansão, ele decide intervir mesmo quando ninguém pede sua ajuda. O prólogo mostra um Deus que liberta seu povo por meio de seus instrumentos escolhidos; as histórias mostram que, muitas vezes, a libertação ocorre de forma inesperada, até mesmo por meio de instrumentos falhos.

Mesmo que as histórias ilustrem as preocupações temáticas do prólogo, elas não se limitam a essa função literária. Vários temas emergem nas histórias que não são mencionados no prólogo:

1. O prólogo descreve os juízes em termos bastante positivos como instrumentos de Deus, que tentaram dar orientação moral ao povo (veja 2.17).⁹ As histórias retratam esses juízes como guerreiros vitoriosos fortalecidos por Deus, mas também mostram suas falhas. Na verdade, podemos reconhecer uma qualidade cada vez menor nos juízes, processo esse que culmina em Sansão.¹⁰ Indiretamente, o prólogo contribui para esse desenvolvimento temático providenciando paradigmas de uma liderança competente e pia em Josué e Calebe, que são usados como modelos de comparação para os líderes fracassados apresentados nas histórias. Mas o prólogo não fala dos juízes em termos negativos. Esse tema de liderança falha, não mencionado no prólogo, emerge nas histórias e prepara o caminho para o epílogo, que lamenta especificamente a condição moral que se apoderou da terra em virtude do vácuo deixado pela liderança (veja 17.6; 21.25; e também 18.1 e 19.1).

2. As histórias retratam também um conflito civil cada vez mais intenso, um tema que não está presente no prólogo, pelo menos não diretamente. O hino de vitória de Débora e Baraque critica algumas tribos por não contribuírem para a causa comum (5.15b-17); Gideão, por sua vez, teve que lidar com a oposição de seus próprios conterrâneos após sua vitória sobre os midianitas (7.24–8.17).¹¹ Abimeleque, o filho de Gideão, instigou uma guerra civil (capítulo 9), e Jefté massacrou os efraimistas após sua vitória sobre os amonitas (12.1-6). Na história de Sansão, os homens de Judá entregam Sansão, da tribo de Dã, aos filisteus. Tudo isso prepara o caminho para o epílogo, onde o conflito civil determina a ordem do dia.

Essa comparação entre as histórias e o prólogo revela que este não oferece uma visão abrangente do livro; é, antes, uma extensão do livro de Josué (especialmente do capítulo 24), que ressalta a necessidade de Israel preservar sua distinção pactual e lealdade a Deus como pré-requisitos para a conquista completa da terra. O prólogo facilita a transição da era de Josué para o período dos Juízes e fornece um padrão estrutural para as histórias, vinculando-as tematicamente a Josué. Mas as histórias revelam também outros temas e facilitam a transição para o epílogo do livro e seu foco temático.

O epílogo (capítulos 17–21) contém duas histórias. A primeira (17.1–19.1a) fala do altar artesanal de Mica e conta como a tribo de Dã confiscou seu equipamento cútico e seu sacerdote, estabelecendo seu próprio culto tribal particular no norte distante, longe da terra que havia sido designada a Dã. A segunda história (19.1b–21.25) é um relato sórdido de estupro e assassinato em Gibeá, que precipitou uma guerra civil em Israel. A guerra quase aniquilou a tribo de Benjamim e resultou em outras atrocidades cometidas contra as mulheres de Israel.¹²

Os eventos registrados no epílogo parecem ter ocorrido no início do período de Juízes. Juízes 18.30 identifica o levita que estabeleceu o culto danita como “Jônatas, filho de Gérson, filho de Moisés” (tradução literal). Ele pode ter sido o neto de Moisés, caso os eventos descritos nos capítulos 17–18 tenham ocorrido dentro de duas gerações após Moisés. No entanto, é possível que יָרָא, “filho”, indique que ele tenha sido um descendente de Gérson, não seu filho *per se*.¹³ Nesse caso, podem ter existido várias gerações entre Gérson e Jônatas, tornando possível que os eventos dos capítulos 17–18 tenham ocorrido mais tarde naquele período. A datação dos eventos registrados nos capítulos 19–21 é mais certa. Juízes 20.28 indica que Fineias, filho de Eleazar, filho de Arão, foi o sacerdote de Betel naquele tempo. Fineias foi contemporâneo de Moisés e Josué (veja Êxodo 6.25; Números 25.7,11; 31.6; Josué 22.13,30-32; 24.33; 1Crônicas 6.4,50; 9.20; Esdras 7.5), de modo que a guerra civil benjaminita precisa ter ocorrido bem no início do período.

Se os eventos dos capítulos 17–21 realmente ocorreram no início do período, isso significa que o narrador de Juízes não seguiu uma sequência estritamente cronológica. Em vez disso, organizou seu material tematicamente. Após uma visão geral do período no prólogo, ele fornece relatos sobre vários juízes individuais e então encerra, no epílogo, com histórias que resumem o período.

O tema do epílogo aparece em 17.6 e 21.25 (veja também a versão abreviada em 18.1 e 19.1). Os dois relatos do epílogo ilustram o que aconteceu na sociedade israelita na ausência de uma liderança competente e fiel a Deus e mostram por que Israel precisava de um rei ideal (veja Dt 17.14-20). O epílogo descreve a violação de todos os Dez Mandamentos (Olson 1998, p. 864-865). O rei ideal retratado em

Deuteronômio 17 deveria promover a lei de Deus e liderar a comunidade da aliança no caminho moral e ético correto. O epílogo leva o tema da liderança das histórias para sua conclusão alarmante e assim prepara o caminho para 1 Samuel, que descreve como o Senhor restaurou uma liderança pia a exemplo da liderança de Josué/Calebe em Israel.

Wong argumenta que o epílogo contém várias alusões sutis às histórias da seção central. Assim, fornece um reforço adicional para contemplar Juízes a uma luz negativa. Wong explica: “Por meio das alusões, os episódios bizarros do epílogo são apresentados como algo não tão inédito como se poderia pensar. Mas, ao criá-los, o autor do epílogo conseguiu, com um golpe brilhante, redirecionar o foco do leitor de volta para a vida dos juízes maiores” (2006a, p. 138). E acrescenta: “Certamente, ao mostrar que os atos bizarros no epílogo tiveram todos eles precedentes na vida dos juízes, o autor conseguiu lançar sobre os juízes uma luz pouco lisonjeira. Pois, ao mostrar que eles se envolveram no mesmo tipo de conduta amoral que caracteriza os vários protagonistas do epílogo, os juízes se apresentam tão indecorosos quanto os personagens consistentemente escarnecidos no epílogo” (p. 139).¹⁴

Alguns estudiosos alegaram que o livro de Juízes apresenta uma estrutura quiástica ou concêntrica. Gooding, por exemplo, reconhece que a introdução bipartida corresponde ao epílogo bipartido e organiza as narrativas centrais de forma quiástica, sendo que a narrativa de Gideão ocupa a posição central:¹⁵

- A Introdução, parte 1 (1.1–2.5)
- B Introdução, parte 2 (2.6–3.6)
- C Otniel (3.7–11)
- D Eúde (3.12–31)
- E Débora, Baraque, Jael (4.1–5.31)
- F Gideão (6.1–8.32)
- E’ Abimeleque (8.33–10.5)
- D’ Jefté (10.6–12.15)
- C’ Sansão (13.1–16.31)
- B’ Epílogo, parte 1 (17.1–18.31)
- A’ Epílogo, parte 2 (19.1–21.25)

Gooding reconhece uma estrutura quiástica dentro da unidade central de Gideão (1982, p. 74*):

- A Gideão se levanta contra a idolatria (6.1-32)
- B Gideão luta contra o inimigo (6.33–7.25)
- B' Gideão luta contra seus conterrâneos (8.1-21)
- A' Gideão cai na idolatria (8.22-32)

Dorsey concorda com a análise de Gooding da macroestrutura do livro e da narrativa de Gideão.¹⁶ Ele até sugere uma estrutura quiástica para cada seção maior do livro.¹⁷ Tanner também acata a sugestão de Gooding para a macroestrutura do livro, mas organiza a narrativa de Gideão de forma um pouco diferente:¹⁸

- A 6.1-10
- B 6.11-32
- C 6.33–7.18
- B' 7.19–8.21
- A' 8.22-32

Apesar de o livro de Juízes conter correspondências temáticas, precisamos nos perguntar se não foram esses autores que impuseram essas estruturas quiásticas ao texto.¹⁹ Existe no mínimo uma correspondência estrutural e temática solta entre a introdução dupla e a conclusão dupla.²⁰ No entanto, por que a narrativa de Gideão deveria ser considerada pivotante na seção central? A narrativa de Jefté é uma candidata igualmente provável para esse papel, visto que é enquadrada pelas listas dos juízes menores.²¹ Na verdade, existem padrões estruturais que apontam a história de Jefté como “ponto de foco literário” (Smith 2005, p. 289). Por que o esboço isola a narrativa de Abimeleque da narrativa de Gideão? Apesar de dar sequência à narrativa de Gideão e poder ser tratada como história distinta (veja o comentário abaixo), ela, juntamente com 6.1–8.32, pertence à macroestrutura do livro, pois a fórmula introdutória e o marcador estrutural para essa seção central do livro (“os israelitas [novamente] fizeram o mal aos olhos do Senhor”) ocorre em 6.1 e 10.6, mas não em 8.33. O vínculo proposto

entre Otniel e Sansão é suspeito, pois o comprimento das narrativas é muito desproporcional (Brettler 2002, p. 106). Além do mais, as supostas conexões temáticas, desenvolvidas em termos contrastantes, são imprecisas, artificiais ou gerais demais para serem convincentes.²² Os defensores de um quiasmo vinculam Eúde a Jefté porque ambos apresentam vínculos com Efraim (cf. 3.27 e 12.1-6) e conquistaram os vaus do Jordão. Mas Gideão também conquistou os vaus e teve um encontro com Efraim (7.24-8.3). Já que este tema não se restringe às unidades D/D' propostas, ele não pode ser usado para estabelecer uma estrutura concêntrica.

A PERSPECTIVA PAN-ISRAELITA DO LIVRO

O prólogo do livro retrata Israel como uma unidade. Enquanto o capítulo 1 focaliza os esforços individuais das várias tribos, o encontro em Boquim abarca a nação inteira (2.4). A interpretação teológica do período em 2.6-3.6 assume uma perspectiva nacional consistente. É Israel que peca, sofre, exclama em sua dor e experimenta a libertação do Senhor. Essa perspectiva domina também o relato de Otniel no início da seção central do livro (3.7-11). A afiliação tribal de Otniel não é mencionada; ele é simplesmente o libertador de Israel. Do prólogo do livro sabemos que Otniel vivia no Sul, mas ele resgatou Israel de um invasor do Norte. Esse fenômeno só pode ser explicado se assumirmos uma perspectiva pan-israelita.²³ A perspectiva pan-israelita aparece também na estrutura da seção central que reflete o sumário do capítulo 2. Está presente também no epílogo, onde vemos as tribos se reunirem em Mispá e Betel para tratar dos problemas suscitados pelo modo como Gibeá tratou as concubinas levitas (veja capítulos 20 e 21).

Essa perspectiva pan-israelita parece não ser consistente com as histórias da seção central, onde os eventos narrados se limitam a localidades específicas.²⁴ A opressão cananeia sob Jabim e Sísera incluía apenas as tribos do Norte. Zebulom e Naftali foram convocados especificamente para a guerra (4.6,10; cf. 5.18), mesmo que o hino de vitória mencione o envolvimento e também a não participação de outros (5.14-17). Judá se destaca por sua ausência.²⁵ As tropas de Gideão vieram das regiões centrais e do Norte (6.35), não do Sul, e Abimeleque, apesar de ser chamado de regente de Israel (9.22), parece